

*Educação, Convivência e Ética:  
Audácia de Esperança!*  
de Mario Sergio Cortella

São Paulo: Cortez, 2015. 118 p.

**Vania Cristina Selarin**

Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas  
Educaionais (PROGEPE) – UNINOVE  
vania.selarin@gmail.com

Mario Sergio Cortella, filósofo e escritor, nasceu em Londrina (PR), em 1954. É mestre e doutor em Educação, foi professor titular da PUC-SP durante 35 anos (1977-2012) e Secretário de Educação em São Paulo nos anos de 1991 e 1992. É autor de inúmeras obras, dentre as quais *Educação, Convivência e Ética: Audácia de Esperança!*, que ora resenhamos, na qual discute a ética voltada para a formação das pessoas.

Nesta obra, Cortella aponta questões sobre a importância de se fazer bem aquilo que lhe compete, enfatizando que faz parte da competência docente “a capacidade de não só fazer bem aquilo que se faz, mas fazer o bem com aquilo que se faz” (p. 9). Em seguida, o autor revela o que se entende por fazer o bem como sendo uma tarefa de elevar a vida das pessoas, de poder sonhar, de fazer as pessoas se formarem para serem decentes, rejeitarem tudo que acaba com a dignidade coletiva. Também resgata conceitos apresentados em outros livros, em especial o conceito de ética.

Traz à tona um conceito freiriano de que o ser humano não nasce pronto, ele tem que ser formado. E essa formação pode nos levar a uma vida de benfeitoria ou de malefícios, sendo que todos os seres humanos são capazes de fazer o mal e fazer o bem e nesse momento entra a ética, que é a forma como eu decido meu modo de agir.

Prossegue diferenciando ética e moral, sendo a ética “o conjunto de valores e princípios que orientam minha conduta em sociedade” (p. 18) e a moral é “a prática desses valores na vida cotidiana” (p. 18). Em seguida, ressalta que, atualmente, o educador deve ser um mediador entre o que o educando já sabe e o que precisa saber, levando em conta que o mesmo carrega um volume muito maior de informação circulante.

Para Cortella, a ética se dá sempre na relação com o outro, não existe ética individual e é preciso ter cuidado com o apequenamento da nossa capacidade de

convivência, tornando-nos pessoas mesquinhas. A acomodação dos nossos fazeres no cotidiano pode gerar uma fratura ética, isto é, a percepção que as coisas são como são e nada posso fazer para mudar, e isso pode se tornar um hábito e para se desvencilhar de um mau hábito para a aquisição de bons hábitos é necessário um grande esforço. O mau hábito, de que nada pode ser mudado, pode ser visto em algumas escolas, porém há escolas que se engajam nas mudanças e, em especial, na procura pela paz. Nesse momento, Cortella traz uma reflexão sobre o que entende como paz: “É a presença da justiça. Se a justiça estiver presente, a paz virá à tona” (p. 31).

O autor nos adverte sobre problemas que vêm acontecendo em muitas escolas, em especial sobre a impressão de que nada pode ser mudado, de modo que, quando a inércia bate nos professores, acaba resultando num desalento, e esse processo acarreta um esgotamento. Há uma síndrome clássica laboral conhecida como síndrome de *burnout*, que significa esgotamento total. Essa síndrome atinge boa parte dos docentes atuais, e uma saída apontada é o fortalecimento do trabalho coletivo nas instituições. É necessário romper com a fratura ética da acomodação e transformarmos nossas intenções em práticas coletivas.

Cortella também adverte para as condições adversas da educação em nosso país, e em meio a tudo isso ainda encontramos profissionais que se dedicam a essa atividade de educar. Faz uma reflexão sobre a persistência dos docentes em meio a tantas dificuldades, porém acredita que essa persistência venha da base ética de que as coisas até podem ser do jeito que estão, mas há como mudá-las, elas não precisam ser desse modo. Discorre que o papel político dentro das instituições escolares é primordial. Aponta que não é a política partidária, mas a de ação na comunidade, que dá significado social ao que se faz. Isso feito, o papel docente sai do campo da mera tarefa para o campo do dever ético. Também aponta que a escola deve ter concepções claras e explícitas a todos e todas sobre por que se optou por essas concepções, de modo a elevar o convívio e a diversidade. Aponta a importância de se ter um projeto coletivo para o enfrentamento de todas as questões que aparecem em uma instituição. O problema de um aluno em uma sala de aula não é problema apenas do professor da turma, mas é problema da escola. Todos devem pensar juntos para enfrentarem os desafios coletivamente. Também aponta que a avaliação da aprendizagem é a avaliação do ensino, e que as escolas devem pensar coletivamente em formas de trabalhar com todos. Como atualmente o ensino por ciclos não reprova, o problema dos que não aprendem aparece. Ressalta que se faz necessário um projeto pedagógico disciplinar construído com todo o coletivo da escola, incluindo os alunos.

A importância do cuidar e ser cuidado também é discutida nesse livro. É rea-

lizado um apontamento sobre o papel das famílias e das relações entre as pessoas, e que não é correto que pais e mães tenham um amor incondicional, que aceita tudo. Ressalta a importância de se viver em comunidade e não em meros agrupamentos, e reflete que muitas famílias, atualmente, vivem meramente agrupadas. Cortella aponta a importância do papel dos pais nos dias de hoje e da importância da relação desses com seus filhos. Faz-se necessário ter coerência entre o que se fala e o que se faz e a diferença entre ser autêntico e ser franco o tempo todo, deixando de medir as consequências de seus atos, tão importantes no campo da convivência.

O autor instiga, em especial os pais, sobre a importância de formar pessoas autênticas, que não serão hipócritas ou dissimuladas. E que o senso de justiça é uma das questões mais importantes a serem tratadas com os filhos e filhas, pois a ética se consolida dentro do indivíduo. Cortella faz uma reflexão sobre a importância de enfraquecer a valentia, no sentido de fazer justiça com as próprias mãos, de achar que quem tem força na sociedade é quem agride, quem é maléfico. Em seguida, aponta que as falhas éticas começam nas pequenas coisas, ou seja, nenhum incêndio começa grande, mas com uma fagulha ou faísca. Assim é na ética, “o apodrecimento dos valores éticos positivos se inicia também com pequenos delitos, infrações, aceitações, conivências” (p. 77). O autor deixa claro que há desvios éticos, em nome de boas intenções e essa conduta é extremamente danosa, na medida em que a ética da conveniência leva a uma armadilha, que pode até mostrar certa vantagem no começo, mas depois resulta em degradação. É importante educar para ser autônomo, mas não soberano, distinguindo a diferença entre autonomia, que é a convivência e a soberania que é a imposição. Aponta aos pais que muitas vezes, por falta de acompanhamento na formação dos seus filhos, eles têm criado verdadeiros tiranos, onde só a vontade deles prevalece. Discorre o quanto esse comportamento influencia a vida dos alunos na escola, e a partir do momento em que são cobrados se assemelha a uma ofensa e os conflitos aparecem.

Cortella ressalta que a família e a escola têm desformado e deformado uma geração com falta de cuidados. Uma convivência regrada oferece a possibilidade da ausência da opressão e não o contrário, como muitos acreditam. Aborda a situação do excesso de presentes, brinquedos, entre outros, para suprir a ausência dos pais e que isso pode gerar uma sociedade consumista que não dá valor ao que tem, com ideia de desperdício e não de zelo.

O autor encerra o livro deixando algumas reflexões aos leitores: que é necessário cuidar do mundo; mantermos um padrão de vida menos consumista; cuidar dos pequenos gestos que podem estragar ou engrandecer, portanto nos pe-

quenos cuidados se impede a quebra de princípios éticos; e sonharmos afastando a máxima “nada é possível” ou “tudo é possível”. Nem tudo é possível e nem tudo é impossível. Podemos enfrentar nosso dia a dia decentemente e embelezarmos a vida. Termina sua conclusão apontando que ética é aquilo que sustenta nossa dignidade, aquilo que é decente.

O livro aborda questões contemporâneas, de grande relevância para pais e educadores, e discutir ética nos tempos atuais é algo premente. O autor conceitua convivência, ética e moral de forma bem clara e didática. Cortella é primoroso na escrita, explicando a etimologia das palavras, o que facilita a compreensão, inclusive de termos que, muitas vezes, são utilizados equivocadamente por pais e educadores. Portanto, trata-se de uma leitura essencial para todos os interessados nas questões de educação na família e na escola, bem como as questões de convivência e ética na sociedade contemporânea.